

NENHUMA FOME, TODA A FAMA: UM ALMOÇO L’ORÉAL

A manhã inteira tinha sido de trabalho, e o que mais me surpreendia eram os silêncios do Giorgio — ele observava bem de perto essa versão de mim, descobrindo que, no fundo, não me conhecia nem um pouco.

Rita, a compradora, chegou ao restaurante de moto, quase ao mesmo tempo que nós. Tirou o capacete e deixou os cabelos compridos caírem soltos, como quem diz: acabei de sair do cabeleireiro, vamos ver se você gosta.

Giorgio começou a sorrir e disse: droga, eu sabia que ela ia se produzir toda para você, seu desgraçado sortudo.

Do que você está falando, ficou maluco, eu disse, tentando esfriar as coisas, e entramos, e lá dentro ela escolheu uma mesa no canto — reservada, mas não redonda, retangular de propósito — e me pediu para sentar ao lado dela.

Vamos deixar as formalidades de lado, disse ela, acho que temos mais ou menos a mesma idade — por mim tudo bem, mas não vou perguntar a sua idade de verdade, a que consta no registro civil de Catânia, isso fica para o pessoal da outra mesa.

Ela caiu na gargalhada, depois perguntou se eu era ator de teatro. De certa forma, sim, eu disse — mas o meu palco é a rua.

O que você faz da vida? Feiticeiro, é claro — que pergunta! Ha ha ha ha ha ha.

Bom, vou contar o que eu faço de verdade: ensino os homens a se tornarem atraentes e interessantes, para que possam encontrar mulheres inteligentes — como você — e, se acontecer, fazer com que se apaixonem.

Começamos muito bem — e que nome você daria a esse trabalho?

Sou um padre sem batina, mas com voz.

Giorgio assumiu a conversa e disse o que tinha combinado com a matriz dele, e eu parei de fazer graça.

Ninguém falou de negócios nem de vendas naquele dia, mas uma coisa eu entendi: um homem vale tanto quanto a mãe que o fez.

Ferdinando